



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

VOZES E SILÊNCIOS: HOMOSSEXUALIDADE E O FAZER DOCENTE NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Angélica Rosa Fagundes Laranjeira Lessa ¹
Sidney Fernandes dos Santos Silva ²

Resumo: Esta investigação interpreta as vozes e silenciamentos de professores de 9º Ano do Ensino Fundamental frente à homossexualidade no contexto escolar. Objetiva analisar possíveis vozes e silêncios materializados no agir docente de professores de 9º ano do Ensino Fundamental frente à homossexualidade na adolescência. Elege-se, como questões norteadoras: i) Como professores e colegas de classe lidam/agem com a questão da homossexualidade do/a aluno/a adolescente em sala de aula? ii) Como as vozes e os silêncios materializam o preconceito à homossexualidade? iii) Como se configura o fazer docente frente a essa realidade? Trata-se de uma investigação de cunho qualitativo, tendo por base a escuta discursiva e seu *corpus* de pesquisa constituído por três entrevistas individuais de professores e professoras.

Palavras-chaves: Identidade; Vozes e silenciamentos; Homossexualidade; Fazer Docente.

Introdução

Este artigo resulta da pesquisa que interpreta as vozes e silenciamentos de professores do 9º Ano do Ensino Fundamental frente à homoxessualidade no contexto escolar. Desenvolvido a partir das vivências da autora, compartilhadas com a orientadora, culminaram na materialização desta investigação, constituindo-se a partir da experiências da autora, ao presenciar, por diversas vezes, falas dos colegas professores/professoras em relação a alunos e alunas adolescentes com características homoxessuais, falas essas, carregadas de estereótipos e conceitos relacionados à religião e ao pensamento sexista presentes em nossa sociedade de culturas de dominação patriarcal capitalista de supremacia branca (hooks, 2019)³, que dentre outros aspectos defendem o binarismo como forma de agência social do ser humano.

¹ Mestranda em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da Língua Portuguesa da rede municipal de Santa Maria da Vitória/BA.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Professora na Universidade do Estado da Bahia.

³ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks – escritora e ativista social. O apelido “bell hooks”, que ela escolheu para assinar suas obras, é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é grafado assim mesmo, em letras minúsculas. A justificativa se acha na frase da própria bell: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu” (HOOKS, 2009). Para ela, nomes, títulos, nada



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

O trabalho busca compreender como professores e colegas de classe lidam/agem com a questão da homossexualidade do/a aluno/a adolescente em sala de aula. Atréados ao objetivo geral, os específicos intencionam desvelar como as vozes e os silêncios materializam o preconceito em relação à homossexualidade. E, ainda, analisar como se configura o fazer docente frente a essa realidade, concomitantemente, desvelar em que medida as práticas docentes corroboram para a formação identitária do aluno adolescente homossexual.

Destarte, sendo a escola, uma instituição que tem como princípios o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e apreço à tolerância, dentre outros (LDB, 9394/96. p. 9), torna-se dinamizadora de identidades em função de seu fazer e de seu relacionar-se com a diversidade humana e potencialmente apta a promover o respeito às diferentes identidades, de modo singular, àquelas considerados marginalizadas, cuja sociedade historicamente oprimiu e negou seus direitos e sua cultura, conforme (CULLER, p. 114, 1999), “o que torna o problema da identidade crucial e inevitável são as tensões e conflitos que ela impulsiona (nisso se assemelha a sentido)”.

Logo, a pesquisa em tela, apoia-se no conceito de identidade sociológica de Hall (2006, p. 11), no qual, “a identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público”, buscando compreender como o aluno adolescente que apresenta características homoxessuais é visto e/ou orientado pelo corpo docente de sua escola, a fim contribuir com a formação identitária desse aluno ou aluna, promovendo a sua autonomia e criticidade para o exercício da cidadania.

Para desvelar como as vozes e os silêncios materializam o preconceito em relação à homossexualidade, tomamos como base as abordagens de silêncio fundante de Orlandi (p. 29, 1995). Segundo a autora o silêncio é significativo por excelência, um *continuum* significativo, que se caracteriza como o real do discurso.

A pesquisa se encaminha também para analisar como se configura o fazer docente frente às questões que envolvem a homossexualidade, para tanto, tomamos como basilar os estudos da percepção que estiliza de Merleau-Ponty (2002, p. 230). Para o autor, é

disso tem tanto valor quanto as ideias. E, por respeito à opção da autora, decidiu-se manter a grafia com que ela se identifica.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

preciso não se reduzir a existência do homem ao corpo, tampouco a sexualidade à existência, tendo em vista que é na existência que surgem os equívocos de comunicação, o limite de embaraçamento e da trama comum, sendo essencial a compreensão de que o amor, o desejo, o pudor tem significação metafísica e que estes são incompreensíveis se tratarmos o homem como uma máquina cumpridora de leis.

Na mesma direção, na visão multi-cultural sobre gênero, Haraway (2004) nos possibilita a compreensão de gênero de forma holística, envolvendo: de cor, branca, europeia, americana, asiática, africana, do Pacífico. Haraway esclarece que a concepção da epistemologia de gênero perpassa por diversos panoramas sociais, biológico, psicanalíticos e políticos em cada espaço/tempo. Concepções essas que devem ser conhecidas pelo professor/pela professora a fim de subsidiar a sua prática docente em relação à temática do homossexualismo.

A rigor, este trabalho aborda a seguinte questão norteadora de pesquisa: Como professores e colegas de classe lidam/agem com a questão da homossexualidade do/a aluno/a adolescente em sala de aula? Outras questões se entrelaçam a fim de lograr uma compreensão holística da temática em estudo, essas são: Como as vozes e os silêncios materializam o preconceito à homossexualidade? E, como se configura o fazer docente frente a essa realidade?

Para alcançar o desenlaçamento das questões propostas, a pesquisa se pautou na análise do discurso de linha francesa na os estudos de Maingueneau (2015), para este analista, a análise do discurso tanto pode esclarecer questões estritamente discursiva, como ter o propósito de responder a problemas sociais (em particular de ordem educacional, política e sanitária), ancorando-se fortemente na ciência da linguagem.

De tal modo, foram analisadas as entrevistas individuais realizadas com três professoras da Escola Municipal Vale do Umbuzeiro, codinome atribuído à escola que serviu de *lócus* para a pesquisa. Para a identificação das entrevistas utilizadas como *corpus* da pesquisa, atribuímos às professoras entrevistadas os seguintes pseudônimos relativos a árvores de nossa região: Buriti, Oiti e Ipê Amarelo.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Nesse contexto, apresentamos considerações no âmbito da análise do discurso evidenciadas por nosso material investigativo, nas quais, as referidas professoras expressam fragilidade em suas formações acadêmica e continuada para lidar com a temática da homoxessualidade na escola.

Alunos e Alunas Adolescentes, a Homoxessualidade e o papel da escola

Para abordar essa temática, optou-se por trazer uma reflexão acerca da adolescência, da formação identitária de alunos na faixa-etária entre (14 a 16) anos, idade que corresponde à matrícula de alunos no 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Vale do Umbuzeiro e conceitos inerentes à homoxessualidade.

Aqui tomamos como concepção de adolescência a tendência da Psicologia do Desenvolvimento que reconhece a adolescência como um momento singular da formação de sua identidade e que as informações e experiências adquiridas nessa fase, contribuem diretamente para a constituição de como eles vão vivenciar e experienciar o mundo (MARITNS, TRINDADE, ALMEIDA, 2003).

Segundo essa abordagem, a adolescência se caracteriza como um período em que o adolescente participa ativamente e criticamente da construção de seu projeto de vida, logo, tudo que o cerca corroborará para sua compreensão acerca de si mesmo e do mundo do qual faz parte. Assim, seu grupo de amigos, sua família, sua experiência, sua comunidade, sua sexualidade, sua identidade, seus valores têm influência na forma como esse adolescente se relaciona com o mundo.

Sob esse ponto de vista, o adolescente matriculado na escola, precisa ser visto em sua totalidade⁴, como participante do processo de sua formação. Conforme, Moreno (2003) é missão da escola aproximar os alunos e alunas do conhecimento científico, oportunizando-lhes o conhecimento e desenvolvendo sua inteligência, no entanto, ela o faz de forma rígida e dogmática, apoiando-se de forma errônea da concepção de ciência e

⁴ Para Merleau-Ponti (1999) se o corpo pode simbolizar a existência é porque a realiza e porque é a sua totalidade, para o autor, a sexualidade não é um ciclo autônomo, ela está ligada inteiramente ao ser cognoscente e agente inteiro, logo, da mesma forma que a visão, a audição, o corpo, a sexualidade, é a própria existência humana.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

de inteligência. Com base nessa linha de pensamento, analisamos as os discursos de professores e professoras ao serem questionadas se a escola desenvolve estudos voltados para essa temática? As professoras Buriti e Ipê Amarelo, responderam:

Buriti, pronta e enfaticamente respondeu: “Não desenvolve.”
Ipê Amarelo – “Raramente, ou quase nunca.”

Contrariamente, Oiti afirma:

“Sim, a escola orienta os professores a serem pesquisadores e poder solucionar questões referentes ao homosssexualismo. Somos e devemos nos preparar para trabalhar com determinadas situações.”

No tocante às respostas das professoras, evidencia-se que estas têm diferentes concepções acerca dos estudos voltados para essa temática. As repostadas dadas revelam que a escola pouco discute e/ou estuda coletivamente sobre a homosssexualidade, uma vez que, Ipê Amarelo afirma que essa ação ocorre “raramente ou quase nunca” e Oiti, aponta que “a escola orienta os professores a serem pesquisadores e poder solucionar questões referentes ao homosssexualismo”.

As respostas de Buriti e Ipê amarelo, apontam para o que Orlandi (2007, p.30) chama de “Império do Verbal”, em que as formas sociais revelam o silêncio em palavras, pois o fato da escola não promover estudos sobre o tema em foco, deixa que os sentidos desvelem o porquê não se trabalhá-lo, uma vez que, o silêncio tem significação, nesse caso, manter a concepção binária da existência do ser.

Os enunciados não destacam estudos promovidos pela equipe gestora pedagógica referente à homosssexualidade no campo endógeno da escola, deixando essa ação sob responsabilidade do professor ou da professora para se autoformarem, podendo ser analisado a partir da concepção política do silêncio, conforme, Orlandi (2007, p.29) “em face da dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a resistência)”. Evidencia-se, assim, que a escola permite que os alunos e alunas adolescentes homosssexuais sofram com o preconceito de outros alunos, ou ainda, oprimindo a identidade sexual destes alunos e alunas.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Analisaremos agora outro questionamento feito às professoras no decurso da entrevista. A pergunta foi a seguinte: Que práticas pedagógicas são empreendidas pela escola para propiciar a inclusão do aluno/da aluna que apresenta características homossuais, a fim de que ele/ela possa exercer com plenitude a sua cidadania no campo endógeno e exógeno da escola?

Buriti: “Não há prática de inclusão.”

Ipê Amarelo: “No contexto geral, não percebo essa prática.”

As respostas de Buriti e Ipê Amarelo traduzem o que, Louro (2014, p.57) enfatiza em relação à escola, que ela sempre foi lugar de exclusão, ela sempre teve como incumbência separar as pessoas, as que nela estavam, das que nela não estavam. Dentro do campo endógeno, tratou de separar meninos de meninas, adultos de crianças, enfim ela sempre classificou, ordenou, separou “Diferenças, distinções, desigualdades... a escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso.”

Notoriamente, a estrutura escolar, suas formas e normas são construídas para promover as distinções entre menino e menina, religião, classe e ao mesmo tempo produzir os sujeitos binários esperados pela sociedade.

Consideremos dentro dessa ótica, o que afirma sobre a escola Louro (2014):

Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO, 2014, p58)

A partir da reflexão acerca das falas das professoras e do que defende a autora acima, torna-se perceptível que a ação da escola em todo o seu fazer vai sutilmente instituindo múltiplos sentidos, os quais incidem diretamente na formação do sujeito binário. Assim, aquele ou aquela que ousar extrapolar esses padrões serão silenciados, invisibilizados pelas ações institucionais existentes e padronizadas para atender às concepções binárias do ser humano.

Consoante, é preciso que se mantenha atento ao que é silenciado nas falas das professoras entrevistadas, tendo em vista que a ausência de debates na escola acerca de



questões como a sexualidade, o gênero, classe, religião, etc., traduzem muito do que a escola culmina por reforçar acerca dos preconceitos existentes em nossa sociedade.

Orlandi (2007, p.32) expõe que “O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele ocorre entre a trama das falas.” Logo, pode-se interpretar a partir dos discursos das professoras que a escola tenta silenciar os alunos e alunas que não se encaixam ao padrão binário, tentando assim, silenciá-los como alerta Louro (2014, p.67):

Além disso, tão ou mais importante do que *escutar* o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não-dito*, aquilo que é silenciado - os sujeitos que *não são*, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homosssexualidade – pela escola.

Vale destacar, que esse posicionamento da escola incide, muitas vezes, em questões relativas ao comportamento dos demais alunos e alunas em relação aos colegas que apresentam características homosssexuais, como se pode comprovar com as respostas das professoras a outra pergunta realizada na entrevista, a saber: Como agem os colegas de classe do/da adolescente que apresenta características homosssexuais?

Buriti: “Sempre fazem gracinhas e piadas em relação ao comportamento do mesmo.”

Oiti: “Alguns são aceitos, outros são ignorados, são impedidos de participar de trabalhos em grupos e muitos são agredidos.”

Ipê Amarelo: “Com brincadeiras e muitas...”

A análise interpretativa dos discursos das respostas das professoras, permite formular que os alunos e alunas tidos como “normais” agem dessa forma porque internalizaram em seu construto identitário a “norma” que respalda os comportamentos tidos como corretos e confiáveis. E que as atitudes dos/colegas em sala de aula reflete a afirmação de Louro (2014, p. 68) “A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, deste modo, fazem com que jovens gays e lésbicas só se reconheçam como desviantes, indesejados ou ridículos.”



É cabal ressaltar que não trabalhar com a questão da sexualidade na escola, é permitir a legitimação da homofobia, é negar a identidade homossesual. Louro (2014, p. 81) lembra que “A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir.” Logo, é necessário formar professores e professoras para atuarem com segurança pedagógica diante dessas temáticas.

O Fazer Docente frente à Homossesualidade em Sala de Aula

O fazer docente, na contemporaneidade, enfrenta inúmeros desafios, dentre eles, podemos destacar o saber lidar com as questões que envolvem os conflitos emergentes no campo endógeno da sala de aula, os quais requerem do professor/da professora saberes que vão além do domínio do conteúdo científico de sua disciplina.

Nesta perspectiva, buscando compreender as ações empreendidas pelos docentes da escola Vale do Umbuzeiro para incluir e contribuir com a formação identitária dos alunos e alunas que apresentam características homossexuais, postulou-se o seguinte questionamento: Como você, na condição de professor, lida com a questão da homossesualidade de alunos adolescentes em sala de aula? Estes/Estas assim responderam:

Oiti: “Através da conscientização e do respeito das diferenças sociais existentes.”

Ipê Amarelo: “Alguns ainda não resolvidos (assumidos). Falta maturidade por parte deles, ou ainda não tem consciência do que querem.”

Buriti: “De maneira a conscientizá-los da necessidade do respeito e diálogo”

Analisando as respostas dadas pelos/pelas docentes, nota-se que Oiti, confunde a temática com diferenças sociais, embora argumente que trabalha com a conscientização e o respeito, o que desvela que não há um trabalho sistemático que trate a temática como um conteúdo, mas como um aspecto dialógico e correlacionado com as questões sociais. Ipê ao responder não expressa a sua metodologia para lidar com a temática em sala de aula, expondo em seu discurso uma certa culpabilização ao aluno/aluna homossexual, relatando sua falta de maturidade, e o fato de não terem consciência do que querem. Já a



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

resposta de Buriti, embora não aborde que trate a temática como conteúdo, revela cuidado com a temática ao explicitar a conscientização e a necessidade do respeito e do diálogo.

Podemos, a partir da análise acima perceber que a atuação dos professores/professoras está distante do que propõe Louro (2014, p. 64-65) ao afirmar que se queremos ruir as relações binárias rígidas, devemos ter um olhar mais aberto, problematizador, um debate mais amplo, lidando com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia, etc.

É explícito que muitas mudanças terão que ser empreendidas nas práticas das professoras e professores da referida escola, pois quando questionados/questionadas acerca de como se estrutura a prática docente frente à realidade da homossexualidade em sala de aula? Obtivemos as seguintes respostas.

Oiti: “Os docentes precisam ser preparados para lidar com determinadas situações. O diálogo e a pesquisa devem ser feitos para entender a vida e o comportamento deste adolescente.”

Ipê-amarelo: “Como professora não deixo de trata-los bem, porém não vou aplaudir.”

Buriti: “Sempre me posiciono contra práticas homofóbicas.”

Nos enunciados das professoras, nota-se a necessidade de formação para que estas trabalhem a temática como um conteúdo e de maneira a não reforçar a homofobia, uma vez que somente Buriti, revela um posicionamento contra as práticas homofóbicas, contrariamente, Ipê-amarelo desvela em seu dizer o não dito, pois ao relatar que não vai aplaudir, é revelador de uma não aceitação da identidade homossexual, o que pode corroborar para o aumento da homofobia.

À Guisa de Conclusões

É nessa esfera de grande amplitude e abrangência, que se circunscreve a presente pesquisa, tendo em vista, o seu cabal valor para os professores que atuam no 9º Ano do Ensino Fundamental, por envolver uma temática de extrema complexidade a ser trabalhada com essa faixa-etária (alunos entre 14 a 16 anos), porém de uma necessidade magnânima, pois cotidianamente o professor/a professora vivencia em seu labor situações



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

que o coloca frente a frente com a questão aqui tratada e, muitas vezes não logra êxito em discutir, apoiar, orientar e acolher o aluno adolescente diante do conflito que vive em relação a sua sexualidade e discriminação pela qual passa em diversas situações cotidianas. Em geral, o/a aluno/a adolescente homossexual sofre, no espaço escolar, com o preconceito de colegas e de professores, enfrentando conflitos relacionados à sua identidade de gênero e sexual. Frente a essa temática, por vezes, docentes silenciam-se por não terem pautado, em sua prática docente, modos de como lidar com essa questão em sala de aula.

Logo, o/a professor/a sendo concebido como indivíduo social, afetado por convicções e crenças, culturalmente influentes, circunstancialmente, em seu labor, torna-se agente responsável por mediar, assertiva e respeitosamente, o convívio com as diferenças identitárias no campo endógeno e exógeno do espaço escolar.

Referência

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**. Uma introdução. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**,1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Haraway, Donna (2009), “Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, in Hari Kunzru e Tomaz Tadeu (orgs.), **Antropologia do ciborgue: asvertentes do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 33-104.

HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. Pele negra. 18 maio 2009. Publicado originalmente em: Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, jan./fev.2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: . Acesso em: 29/09/2019.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade** - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade** - um debate contemporâneo na educação. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1998.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O Ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003.

Merleau-Ponty, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As forma do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007